REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India..................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1062

30 de Junho de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

A Real Casa Pia de Lisboa

1.º *plano, sentados, da esquerda para a direita* — Eduardo da Silva, João Rodrigues, Roque Botelho, professores; dr. Sequeira Oliva, director; Jayme Arthur da Costa Pinto, provedor; Alfredo Soares, sub-director; Padre Lourenço de Mattos, Emilio Lami, professores.
2.º *plano, sentados, da esquerda para a direita* — Adelino da Silva, Henrique Vaz, Alves Mendes, Tiago Nazareth, Sousa Gomes, professores.
3.º *plano, em pé, da esquerda para a direita* — Cesar da Silva, professor e bibliotecario; Stuart Torrie, Joaquim J. Branco, Bebiano Mourão, Antonio Castanheira, Narciso de Oliveira, Lazaro dos Arcos, Pedro Guedes, Pinheiro de Castro, Madeira Nunes, Silvestre da Silva, Herculano Gaspar, Simões Raposo, Fernandes, Domingos Caldeira, Tenente Camara Leme, professores.
4.º *plano* — José R. dos Martires, professor.

GRUPO DO CORPO DOCENTE, PROVEDOR E DIRECTORES

(Cliché Benoliel)

CHRONICA OCCIDENTAL

O problema de regenerar a infancia está preoccupando n'este momento uma parte seria da imprensa de Lisboa. A vadiagem cresce de dia para dia despropositadamente e a chronica das gatunices e das navalhadas toma columnas e columnas das folhas noticiosas.

O que faz a policia e o que fazem os tribunaes é muito pouco ou nada. Prendê los, julgá-los, condemná-los e mettê los no Limoeiro, ou distribui-los pelas casas de correcção, é facil, e não é mais do que isto o que se faz. Urge tomar providencias energicas. Urge corrigir, mas muito mais urge educar.

O Limoeiro, como escola, não o é senão de preversidade. Sabe se como de lá sáem doutorados em todas as faculdades do crime aquelles que para lá tinham entrado apenas com os preparatorios.

Bem digno era de sorte mais risonha o gaiato vadio de Lisboa. Como creatura e como tipo, producto doentio e despresado de toda uma torpe gestação de acasos e de mancebias, esse gaiato não é, por titulo algum, antipathico. Magro, rachitico, retorcido, destinado a soffrer até á redempção do melhor dos somnos que lhe cerrará as palpebras, pobre fantoche sem utilidade, piparoteado e repellido de todos, mas refilão, recalcitrante e arguto, elle é a mais sincera encarnação d'esta ironia que profunda até á alma a derradeira parcella de uma certa raça que reage ainda contra todas as hipocrisias, todos os preconceitos e todos os ridiculos, n'um perfurante clamor de troça indomita.

D'uma particu'ar incontinencia de lingua, de gestos, de expressões; d'uma irreverencia abso-

luta ante formalidades e canones; d'uma permanente attitude de insubordinação em face de toda a disciplina e de todo o preconceito, o gaiato de Lisboa é sempre, quanto a mim, o mais justo com-

S. M. El-Rei D. Manuel, em visita ao Hospital de S. José, assiste ao tratamento de doentes pela fototropia, dirigido pelos drs. Azevedo Neves e A. Medeiros

(Instantaneo Benoliel)

mentario applicavel, pela bôca da Verdade núa e crúa, ás idéas e aos actos d'uma sociedade cuja absorvente preoccupação consiste em dissimular, sob o respeito apparente das leis as maiores ignominias, no jogo permittido dos sofismas as peiores perfidias, por detrás do recato mais sisudo a prostituição mais vil...

E' elle irmão, na diabrura irrespeitosa e na audacia do discernimento, d'esse garoto impertinente da Arabia, em que Ramalho buscou comparação risonha para o criterio irreverente, mas profundamente verdadeiro, das *Farpas*. Fôra o caso que um rei, pacato e divertido, mandára abrir concurso para a adjudicação de um manto; e, entre muitas outras propostas, vantajosas ou não, appareceu a de um tecelão, que «se obrigava a fazer o real manto com um tecido por tal modo engenhoso, que o não veriam senão os homens de uma dada capacidade de espirito; e que para todos os estupidos o mesmo seria pôrem a sua vista n'aquelle manto real, como estarem simplesmente olhando para o puro ar atmosferico.» Quando o rei saiu em procissão, trajando a celebrada veste, todos os murmurios da multidão enalteciam as subtilezas de arte de que era entretecida, n'uma profunda unanimidade de convicção. Subito, ouve se de uma trapeira certa voz clara que grita: — «O rei vae em fralda!» Trepado a um pau de bandeira, todos viram então um patife de fedelho que ria, ás bandeiras despregadas, apontando com o dedo para o monarcha nú. E o proprio rei, parando, transtornado e attonito, cá de baixo olhou para o garoto, e disse: — «Aquelle bandido não me tem respeito, mas tem razão!»

Esfarrapado, esguedelhado, esquivo, o garoto das ruas, que tão bem caracterisa essa filosofica noção dos homens e dos factos, que á mais baixa parcella das hordas populares dá, consoladoramente, a inexpugnavel alegria da troça, é muitas vezes a larva irrequieta de algum bello espirito, se acaso vai parar ás mãos de alguem que tome interesse na sua metamorfóse.

Nos bairros da cidade onde a indigencia abunda, na maior parte atulhados de uma estranha população de mulheres de fabrica e de má nota, de rufiões e fadistas com cadastro, o garoto vegeta em toda a plenitude, e n'essa escola de devassidão e de torpeza, á medida que o seu pobre organismo se atrofia e aniquila, toda a vivaz laboração precoce do seu encefalo se agita, se contorce, se desmanda e se acelera.

Se acaso alguem lhe vale, se alguem o aproveita, elle saberá recompensar em exito a bondade paternal com que o tratem e os esforços de paciencia disciplinar que para com elle empreguem. Se ninguem o chama, e á revelia deixam o extraordinario progresso das suas faculdades, não tardará ao desgraçado, com as morbidas predisposições da hereditariedade — toda uma gestação de concubinatos crapulosos — a nevrose do seu meio e da sua raça, a neurasthenia da sua especie, acirrada por esgotamentos nervosos de diversa ordem, e intoxicações pelo alcool, pelo fado corrido e pela pandega.

Claro que eu não pretendo chegar á conclusão de que o governo, em vez de mandar para as casas de correcção os gaiatos rebeldes de Lisboa, melhor faria matriculando-os no Liceu do Carmo. Peior seria isso. Mas o que me aflige, pela sorte que espera os infelizes, é a terrivel classificação de incorrigiveis com que o governo para lá os remette. Incorrigiveis porquê? Porque num dia de fome, tendo-os o pae esmurraçado quando lhe pediram de comer, foram roubar um pão ao primeiro cesto de padeiro deparado a geito. Incorregiveis porquê? Porque no trajeto da Boa Hora para o Limoeiro, cabriolando entre a escolta, os mais crescidos soltavam morras á policia, e os mais pequenos iam fumando charutos, todos pimpantes, petulantemente...

E nessas nossas casas de correcção, á chegada de tão joviaes condemnados, alguem os espera que procure fazer das desditosas creaturas desmandadas e no vezo de nada respeitarem, nem de nada temerem, qualquer coisa de bom e de verdadeiramente util? Em vez de começar o desbaste de tão endurecida camada de cinismo, pela indução natural dos primeiros deveres do homem para com os seus semelhantes, mas com aquelle sorriso do Christo que chamava a si os pequeninos — não prefere o methodo educativo dessas casas, o ensino do cathecismo, constrangendo os rebeldes demonicos, apenas tosquiados, á subita recitação de definições teologicas, que não vão demorar-se em cada uma d'aquellas frageis cabeças mais que o tempo necessario para lhes entrar num ouvido e sair pelo outro?

No dia em que aquella porta de ferro se reabrir para lhe dar liberdade, em vez da plena alegria que a outros seria dada se de lá saissem, esses desventurados começarão por notar, com terror, que a maior alegria foi para os que ficaram, tal o modo por que a porta se lhes fechou nas costas.

Pobres gaiatos que mal sabem, ainda assim, o que de peor os espera no dia em que se lhes acabe o corretivo! Cá fóra, no mundo desconhecido e mau onde serão de chofre, não tardará que os fira, inexplicavelmente, o facto de cada qual, em volta, prégar o desinteresse e praticar o egoismo, e ao mesmo tempo que a lei exija d'elles, imperiosamente, o amor da patria, elles saberão de legisladores que se furtam ao pagamento de impostos. Reconhecendo-se então sem direito a nada, e sem que ninguem coisa alguma lhes deva, elles terão da vida, n'um cruel relance, a compreensão mais nitida e mais triste.

Perdoemos-lhe então, em consciencia, o violento desforço que tirarem. Perdoemos-lhe, sim! porque saberão o que fazem.

João Prudencio.

Uma visita á Real Casa Pia de Lisboa

Em 1905, por ocasião da Real Casa Pia celebrar o centenario da morte do seu fundador, Diogo Ignácio de Pina Manique, escrevia-mos n'esta revista (1):

«Não nos surprehendeu que o nosso querido e velho amigo sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, na sua qualidade de provedor da Real Casa Pia de Lisboa, se lembrasse do fundador daquelle importante estabelecimento de educação, não menos valioso que as universidades onde se vae creando o proletariado intelectual, emquanto neste se educa para a vida pratica que mais utilisa ao povo.»

Então escreviamos mais por informação do que por *visu* proprio, pois não tinhamos visitado a Casa Pia, as suas aulas e oficinas, nem avaliado toda a latitude do ensino pratico que ali se ministra.

Esta é a verdade e nunca ella será mais apreciada, que no tempo presente que vae correndo de braço dado com a falcidade e a mentira.

Com alvoroço recebemos do digno provedor sr. Costa Pinto, cuja velha amisade presamos e muito nos honra, um convite para visitar a Real Casa Pia de Lisboa.

Tratava se de um estabelecimento de instrução, o grande problema que parece insoluvel neste país, e tanto bastava para nos despertar todo o interesse, principalmente neste momento

Vid. Occidente vol. 28.º, pag.as 154 a 155 e 163 a 166, n.os 956 e 957.

S. M. El-Rei D. Manuel pegando á primeira vara do palio, na procissão do Corpo de Deus

(Instantaneo Benoliel)

em que a corrente engrossa, falando-se por toda a parte de instrução primaria e educação do povo, formando-se ligas, realisando-se congressos, discutindo-se projétos, numa febre de recuperar tempo perdido e de sentir faltar a base desta pseudo-civilisação em que vivemos.

Ter-se-á finalmente acordado?!

* * *

Muitas são as acusações feitas aos governos pela incuria em que teem deixado a instrução, especialmente a primaria, destinando-lhe no orçamento mesquinhas verbas que nem chegam para as imperteriveis necessidades do ensino.

Nestas circunstancias como poderemos ter escolas que satisfaçam ás exigencias da moderna pedagogia — moderna para nós, mas velha para outros paises. — Comtudo não estamos tão desprovidos como á primeira vista parece, e disto tivemos prova na visita á Casa Pia.

De facto este instituto de educação, fundado ha mais de um seculo, para sequestrar á vadiagem, a escoria do rapazio que infestava Lisboa, desde seu inicio caminhou sempre na vanguarda dos progressos da pedagogia, estabelecendo, além do ensino primario, cursos de linguas, de ciencias naturaes, de comercio e até de desenho com aula de nu, o que foi, naquella epoca, um arrojo do celebre intendente da policia de D. Maria I.

O estudo do desenho teve tanto incremento, que Pina Manique estabeleceu em Roma um hospicio, ou colegio de Belas Artes com o professor João Gerardo de Rossi, onde os alumnos da Casa Pia iam completar o curso naquelle grande centro da Arte, o que deu a Portugal artistas notaveis como Francisco Vieira, o glorioso Domingues Antonio Sequeira e outros.

Se a Casa Pia foi assim em seu principio, não o é menos no presente, tendo tido atravez dos tempos dignos continuadores da obra de Manique, desentranhando-se sempre em copiosos beneficios para a infancia confiada á sua proteção, e que jámais abandona na vida, levando até ás escolas superiores aquelles de seus protegidos que revelam maior intelligencia, creando assim homens eminentes nas artes e nas ciencias, como é notorio e de momento nos ocórrem os nomes de Ferreira Lapa, Luz Soriano, Henrique Morley, Saturnino Rocha, Barão de S. Clemente, etc.

Não é, porém, do passado que estamos tratando, mas do presente, e este é tão lisonjeiro que resgata todas as faltas daquelle como inevitaveis são as vivicitudes da vida.

A Real Casa Pia hoje é um estabelecimento modelar de ensino, a par com o que de melhor existe lá fóra, e o certificaram ainda ha pouco os membros do Congresso dos Telegraphos, na visita que ali fizeram, testemunho que sempre é bom evocar nesta terra, onde de tudo que é nosso se descrê e diz mal.

O ensino primario, que é o grande desideratum da instrucção em nosso país, está perfeitamente estabelecido na Real Casa Pia, seguindo aquelle a par com o ensino manual e pratico.

A aula de ensino manual foi a primeira que visitámos. E' della professor o sr. Tiago Nazareth que todo se tem dedicado ao ensino dos rapazinhos, que principiam com um simples circulo de papel a formar, por meio de dobras, varias figuras geometricas, que depois se desenvolvem em motivos decorativos simples até á formação de solidos, como prismas, piramides, cones, cilindros, etc. Nesta aula se aplicam ainda os rapazes a produzirem artefatos de arame e de madeira, com fins já utilitarios e em que revelam suas aptidões. De madeira vimos ali feito um tiarsinho completo, invenção de um alumno, e que tecia uma fitinha de algodão.

As aulas de instrução primaria satisfazem cabalmente ao ensino pela fórma por que estão organisadas, recebendo ali os alumnos conhecimentos elementares de ciencias naturaes, auxiliados com demonstrações praticas, durante as lições, para o que ha na Casa Pia, um museu de Historia Natural, Fisica, Mecanica, Quimica e instrumentos de Agricultura, etc.

Este museu foi em tempo organisado pelo falecido professor Simões Raposo, evidentemente inspirado no metodo francês do dr. Saffray.

As aulas de desenho e de modelação, bem organisadas com grande quantidade de modelos de estampa e de gesso, oferecem aos alumnos vastos recursos de estudos, como tivemos ocasião de vêr e muito em especial os trabalhos de modelação em barro, dirigidos pelo professor sr. Eduardo Silva, e que revelam grande aproveitamento e até decididas vocações artisticas de grande parte dos alumnos.

Mas por muito que nos agradassem as aulas a que nos referimos, com os excelentes metodos de ensino nellas adótados, uma surpreza maior nos estava reservada, qual foi a escola de surdos-mudos instalada na Casa Pia desde 1906.

A nossa surpreza proveio da fórma porque ali encontrámos estabelecido o ensino daquelles pobres abastardados da natureza, como adeante referiremos.

* * *

Tendo passado, em principios de 1906, para a Real Casa Pia, os alumnos dos extintos asilos municipaes, ficou a cargo tambem d'este instituto de caridade a secção de surdos-mudos, composta de 35 alumnos, que havia nos mencionados asilos.

O ensino daquelles infelizes, feito pelos antigos metodos estava longe dos progressos que nos ultimos annos tem alcaçado, e já em pratica no *Instituto Araujo Porto*, estabelecido pela Misericordia do Porto, com um legado que José Rodrigues de Araujo Porto, deixou para esse fim.

Ao claro espirito do benemerito provedor da Real Casa Pia, sr. Costa Pinto, apresentou se logo aquella circunstancia, e tanto bastou para que a secção de surdos-mudos ali instalada podesse funccionar conforme o novo sistema de ensino *intuitivo oral puro*, que tão bons resultados está dando.

Para este fim o sr. Costa Pinto, com o reconhecido zelo e dedicação que tem por todas as cousas em que surperintende, foi á capital do norte visitar o *Instituto Araujo Porto* e conhecer de *visu* proprio o sistema de ensino ali adótado, cujos resultados o surprehenderam.

Foi assim que dirigiu ao governo uma representação expondo o que vira e requisitando para a secção de surdos mudos da Real Casa Pia os meios indispensaveis para a reformar completamente.

Nessa representação dizia o sr. Costa Pinto: «... O sistema adótado no *Instituto Araujo Porto* é o *intuitivo oral puro*, aquelle que está em uso nos países mais adeantados e que mais apaixonada e desveladamente curam destes assuntos humanitarios, tendo sido introduzido no *Instituto Araujo Porto* por professores muito habeis nesta especialidade, que a Paris o foram estudar, a expensas da Misericordia do Porto.»

Por este metodo, consegue-se, como tive ocasião de verificar, que os alumnos falem com relativa facilidade e clareza, E' certo que a remodelação que tenho em vista, tão benefica e de tão humanitario alcance, importará um aumento de despeza; mas não é menos certo que a Real Casa Pia de Lisboa, tomando para o seu serviço cinco professores, cujos vencimentos importam em réis 2:350$000 annuaes, aliviou assim o cofre do Conselho Superior de Beneficencia deste avultado encargo.»

«A dotação de 80$300 réis annuaes por cada alumno normal, comquanto modesta, ainda não dá prejuizos consideraveis; egual dotação, porém, para os surdos-mudos e para ministrar-lhe um ensino proficuo e em harmonia com as exigencias atuaes desta especialidade é que é manifestamente insuficiente.»

«Por todos estes motivos tenho a honra de solicitar de v. ex.ª, com o mais fervoroso empenho, que a dotação annual de cada alumno surdo-mudo seja elevada a 120$000 réis, a contar do 1.º de abril proximo futuro, ficando a cargo do cofre deste pio estabelecimento qualquer excesso de despeza, além desta verba, que a projétada reforma venha porventura a ocasionar. Se v. ex.ª se dignar aceder a esta minha solicitação, oportunamente terei a honra de submeter á apreciação de v. ex.ª um plano detalhado para a organisação deste ensino nas bases que tenho em projéto.»

Por esta exposição feita pelo benemerito provedor, vê-se que o justo aumento de despeza está abaixo dos beneficios a esperar da importante reforma de ensino dos pobres surdos mudos.

O governo, por decreto de 5 de abril de 1906, firmado por Hintze Ribeiro, deferiu a representação do sr. Costa Pinto, concedendo o aumento da dotação para cada alumno surdo-mudo, e autorisando a admissão de alumnos pensionistas mediante a pensão annual de 180$000 réis.

Deste modo se estabeleceu na Real Casa Pia de Lisboa o novo sistema de ensino dos surdos-mudos, ministrado pelo professor sr. Nicolau Pavão de Sousa, que se habilitou a esta especialidade no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, onde estudou dois annos, subcidiado pela Misericordia do Porto, e no *Instituto Araujo Porto* esteve 12 annos lecionando, com proficuos resultados.

Este benemerito professor, benemerito sobre tudo pela sua invicta paciencia, foi convidado pelo sr. Costa Pinto para dirigir o referido ensino na Real Casa Pia, onde tivemos ocasião de apreciar o metodo por que consegue fazer falar e escrever em bons caracteres caligraficos e regular ortografia surdos-mudos com 2 annos apenas de ensino.

O curso completo, isto é, para o surdo-mudo falar e escrever correntemente, leva 8 annos, mas os resultados que podémos apreciar são já importantes.

O velho processo do abáde l,Epée restrito a fazer entenderem-se reciprocamente os surdos-mudos por meio de sinaes com as mãos, sem que por isso elles podessem entrar no convivio geral, foi posto de parte, e o proprio sistema de Jacob Rodrigues Pereire, português judeu, que primeiro, em França, ensinou surdos-mudos, sofreu nos ultimos annos taes modificações, que o metodo atual, *intuitivo oral puro*, póde considerar-se completa inovação.

O novo sistema principia pela educação da vista e do táto, como meios de transmissão de sons ao surdo-mudo por as vibrações produzidas pelas palavras do professor e movimentos dos labios ao proferil-as. Para este fim, o professor sentado em frente do alumno e bem chegado a elle, faz que este espalme a mão direita sobre a sua cabeça e a esquerda na propria cabeça do alumno. Deste modo o surdo sentirá a vibração da palavra do professor que principia por pronunciar o *a*, ao mesmo tempo que aquelle vê mover-lhe os labios, cujo movimento procura emitar olhando para o espelho que o professor põe na sua frente. A isto se chama *vibração no alto da cabeça*.

O tempo e paciencia que se gasta nesta primeira operação para conseguir fazer pronunciar ao surdo-mudo a primeira letra do alfabeto, não é facil de calcular; entretanto é de saber que tres annos se empregam nestes exercicios, acompanhados de outros, taes como os de respiração, desenvolvimento da laringe, realisados por meio de aparelhos especiaes, alguns inventados pelo professor sr. Pavão e que se denominam: *Repuxo respiratorio*, *Regua graduada de respiração*, *Espirometro*, *Aparelho de lutas respiratorias*, *Fonte de compressão* e *Audiometro*, para desenvolvimento do ouvir.

Tudo isto é maravilhoso, mas uma realidade, tão real que nós ouvimos surdos mudos falar, repetindo as palavras que percebiam pelos movimentos da bôca de quem as pronunciava, e ainda mais escrevendo-as corrétamente a gis no quadro preto da escola. Um destes alumnos tambem fez contas de quebrados á nossa vista, no mesmo quadro.

Nenhum delles, é claro, tem ainda completado o curso, entretanto o adiantamento em que se encontram é garantia do resultado final.

E' desnecessario encarecer o grande serviço prestado pelo benemerito provedor da Real Casa Pia de Lisboa, sr. Costa Pinto, introdusindo naquelle estabelecimento o moderno ensino dos surdos-mudos. Bastará frisar que em Portugal, pelas ultimas estatisticas, existem 3:800 surdos-mudos, e entre elles 1:4000 de 6 a 10 annos, isto é, em edade de receberem ensino, para mais tarde poderem entrar no convivio geral.

Por conta da Casa Pia acham-se dois alumnos seus falantes, no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, habilitando-se para professores com Mr. Collignon e Auguste Boyer diretor e professor daquelle instituto.

São dois alumnos dos mais distintos, srs. Campos Brito de Vasconcellos e Cruz Filipe, os quaes por concessão do presidente do governo francês, Mr. Clemenceau, ali foram admitidos, mediante a modestissima pensão de 2 francos diarios por cada um, para sustento e ensino do curso.

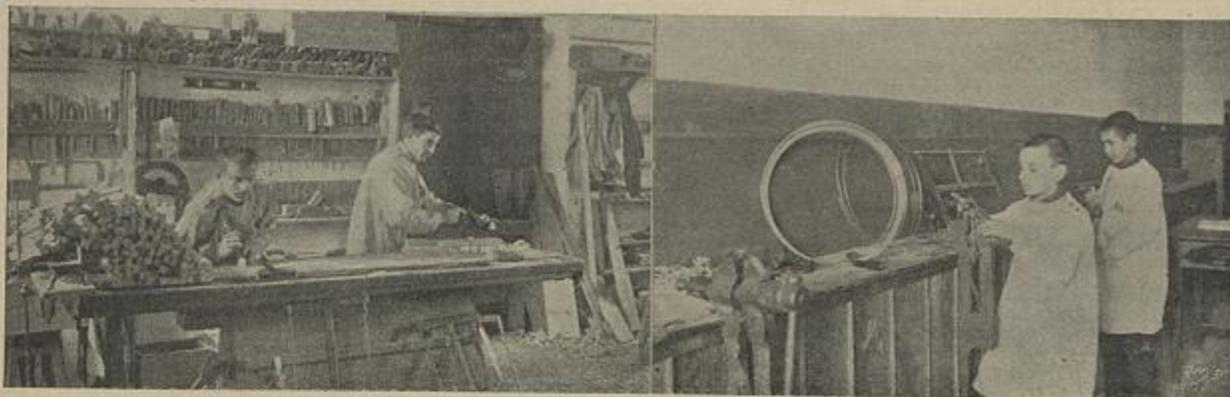
Assim está previdentemente lançada entre nós a sementeira deste novo ramo de ensino tão util quanto humanitario.

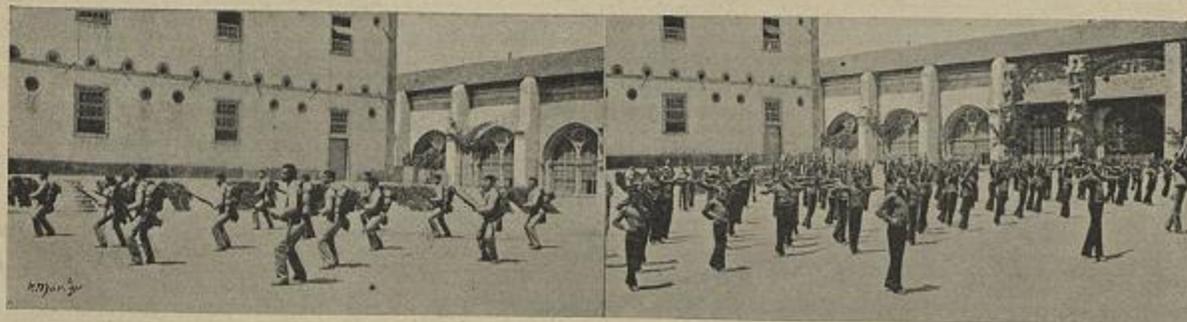
* * *

Outra inovação fomos encontrar tambem na Real Casa Pia de Lisboa, devida á iniciativa do sr. Costa Pinto. E' a aula de sargentos, tão completa quanto possivel no ensino teorico e pratico, dirigida pelo tenente sr. Camara Leme, tendo por instrutor o sargento sr. Torres. O material de ensino é completo, tanto na parte grafica, como em instrumentos de precisão e armamento.

Os alumnos desta aula habilitam-se para sargentos do exercito, onde são admitidos por uma lei especial, para que muito influiu junto do governo o sr. Costa Pinto.

Ha tambem na Casa Pia um curso para tele-

A REAL CASA PIA DE LISBOA

Aulas de trabalhos manuaes de carpinteiro e arameiro

Aula de Desenho — Um alumno transmitindo um telegrama

Alumnos da aula de sargentos em exercicio — Exercicios de gimnastica sueca

O CURSO DE SURDOS-MUDOS

grafistas, assim como aula de musica dirigida pelo sr. Domingos Caldeira.

Quanto a educação fisica, a Real Casa Pia de Lisboa está tambem a par do melhor que ha no estrangeiro, graças ao incremento que o seu atual provedor lhe deu nos ultimos annos.

Assistimos a exercicios de gimnastica sueca, praticados por um troço de cerca de 300 alumnos, com uma precisão mecanica admiravel.

Estes 300 alumnos divididos em 8 secções executavam, ao mesmo tempo em cada secção, movimentos diversos e que á vista apresentavam surprehendentes aspétos de desenho de lindo efeito.

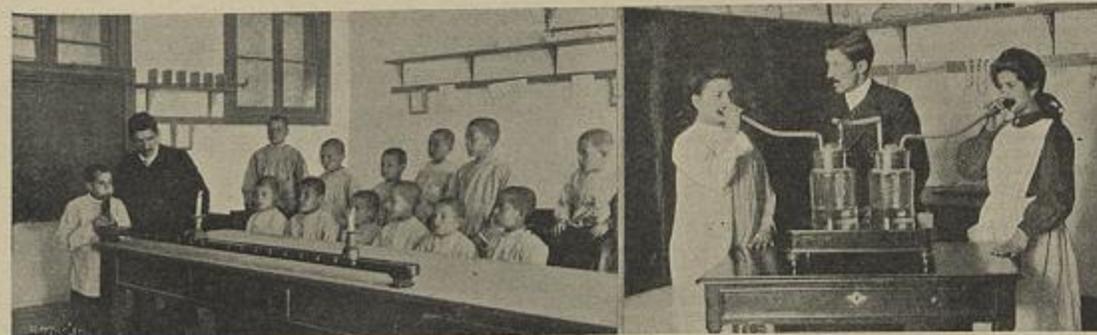
O mesmo podémos observar na gimnastica de aparelhos, em que os exercicios foram executados com rara presteza e segurança, distinguindo-se principalmente nos saltos á vara, atingindo alguns alumnos o salto de tres metros, o que é consideravel.

O sr. tenente Camara Leme, que dirige tambem o ensino da gimnastica, é coadjuvado, pelos alumnos srs. José Cordeiro, Carlos Paêta e Martins Pereira.

* * *

Passando do ensino ao tratamento dos alumnos e higiene do estabelecimento, verificámos que tudo está perfeitamente organisado, como nas primeiras casas de educação onde as familias pagam boas pensões pela educação dos filhos.

Os dormitorios ou camaratas tem vasta capacidade para o numero de alumnos que acomodam. Tem ar e luz em abundancia, que entra por amplas janélas que deitam sobre a cêrca. Os alumnos são repartidos pelas camaratas conforme as edades, de modo que os mais pequenos não fiquem misturados com os maiores, e de noite são vigiados por perfeitos. Junto ás camaratas ha como que umas galerias para lavagem de banho que todos os dias os alumnos fazem, sendo esses banhos frios ou no grau de calor que mais convenha para cada alumno.

O professor Pavão ensinando a um surdo-mudo as letras pela «vibração no alto da cabeça»

Exercicios de sopro na regua graduada e de força de respiração no aparelho de compressão

Estudo de pronunciação pelo movimento dos labios ante um espelho — Alumnos formando figuras geometricas com cartões na aula elementar do professor Nazareth

Grupo de 750 alumnos, banda e porta-bandeira, alumno Campos Nery, comandado pelo alumno José Cordeiro

(Clichés Benoliel)

A assistencia medica regula o tratamento dos alumnos, assim como observa o seu desenvolvimento pelos exercicios de gimnastica conforme a capacidade fisica de cada alumno, havendo alguns a quem estes exercicios não podem ser aplicados. Numa palavra, estão previstos todos os casos, para que a educação, tanto moral como fisica, seja devidamente aproveitavel.

Agora se está tratando de construir uma grande piscina para exercicios de natação, o que é de incontestavel vantagem para os alumnos.

Com o genio empreendedor do sr. Costa Pinto e a grande dedicação que vota á Casa Pia, não duvidamos de lhe lembrar a utilidade de ali estabelecer uma escola colonial á semilhança das que existem em Inglaterra, na França e até na Allemanha. Escola pratica com elementos de agricoltura, de construção de habitações, de pontes, de carros, de arreios, de todas as coisas elementares precisas para gente se estabelecer em terras onde não ha nada feito e, portanto, é preciso fazer tudo, sabendo aproveitar o que se encontra, como a madeira nos mátos, a pedra, as correntes de agua, os animaes e as riquezas ocultas no sob-solo.

Sendo esta nação colonial, como de facto nas colonias tem o seu futuro — já que o passado vae perdido — entendemos que é da maior utilidade atender ao ensino colonial pratico, e a Real Casa Pia de Lisboa, parece-nos em boas condições para isso, pois lhe não faltam terrenos em que o possa estabelecer.

Ahi fica a lembrança, para o empreendimento que não seria dos menos uteis e melhor completaria aquelle estabelecimento modelar de ensino e educação, em nosso país.

Por fim diremos a todos que se interessam pela mágna questão da instrução primaria e educação fisica, que visitem a Real Casa Pia de Lisboa, e nella encontrarão farto subcidio de estudo para as reformas que se pretendem fazer no ensino, sem ser preciso ir estudar no estrangeiro, o que temos em nossa terra.

O que é preciso é dinheiro, e sobretudo verdadeira dedicação e censo pratico, como tem tido o sr. Costa Pinto coadjuvado pelos dirétor e sub-dirétor srs. dr. Sequeira Oliva e Alfredo Soares, bem como por todo o corpo docente, conseguindo fazer da Real Casa Pia de Lisboa um estabelecimento modelar de educação a cargo do qual estão atualmente cerca de mil orfãos.

CAETANO ALBERTO.

A campanha do Cuamatu

Conferencia pelo comandante Alves Roçadas

(Continuado do numero antecedente)

7.° Todavia, não obstante estas predilecções favoraveis dos augures, parece que o espirito do gentio não andava socegado, pois informadores do Humbe diziam que já tinham começado a retirar os gados para logares seguros: mattas fechadas, Cafu e Dongoena; outros abandonavam as aldeias, seguindo com gados e familias para junto das cacimbas á espera dos acontecimentos.

8.° Que a melhor direcção a seguir pela columna seria a do vau de Balande ou a do Pemba, por onde o terreno era mais descoberto. Partindo a columna do Forte Roçadas, melhor seria alcançar o vau João a jusante e seguir depois até á chana do Mufillo.

9.° Que os cuamatuis seriam auxiliados por outros povos, e que apenas a columna se concentrasse e pozesse em movimento iriam bater a *cua* e viriam esperal-a á entrada das terras, provavelmente junto ás cacimbas que seriam disputadas.

10.° Dado o alarme pelos espias que estão na margem do Cunene, desde o forte até o Pemba, vigiando do cimo das arvores, alarme que vae passando de libata em libata até á embala, o soba chama então dois lengas a cavallo e manda-os cada um em sua direcção com este aviso: «Guerra em tal parte.» Depois cada mucunda (aldeia) reune as suas *cuas* sob as ordens dos lengas e concentram-se na embala, onde o exercito é dividido em duas alas; uma segue pelo lado direito e outra pelo lado esquerdo da direcção que suppõe trazer a columna. Logo que descobrem esta vão-se aproximando e, depois uns sentam-se no chão á espera e os outros vão dar volta a atacal-a pela retaguarda.

Deniéca seria o lenga chefe superior, por ser tido como o mais valente e conhecedor da guerra.

Taes foram as informações que, pela sua importancia, eu entendi citar n'esta conferencia, reservando mais detalhes para o relatorio que em breve apresentarei.

Marchando para o combate

Nas tres campanhas que tive a honra de dirigir (1905-1906-1907) considerei sempre como bom principio a seguir o não guardar segredo dos topicos principaes do plano de operações, que entendi levar ao conhecimento das tropas, afim d'estas estarem tanto quanto possivel ao facto do que se pretendia d'ellas.

Assim, antes do inicio das operações procurei prever todas as hypotheses de guerra que de tal inimigo haveria a esperar, e para cada hypothese elaborei os movimentos a fazer com os convenientes *croquis* que mandei distribuir com antecedencia bastante.

* * *

Escolhida a linha de operações e os objectivos a alcançar.

Faltava só dar inicio á execução do plano de operações elaborado, o que teve logar na manhã de 26 e da maneira como passo a expôr.

E' já classico entre os escriptores militares coloniaes, que o dispositivo de marcha typico para uma tropa regular é a «columna dupla»; assim como a formação typo de estacionamento é o «quadrado.»

Todavia circumstancias ha, como por exemplo, o effectivo grande da columna, as qualidades guerreiras do inimigo e a sua fórma de combater, a existencia ou falta de communicações, a natureza do solo, que impede ou torna extremamente difficil a applicação rigorosa d'aquelles dois dispositivos, sobretudo do primeiro.

Do que não ha duvida, porém, é do seguinte: uma columna em Africa, seja qual fôr o seu effectivo, deve marchar de maneira que esteja sempre prompta a parar qualquer ataque subito do inimigo.

As circumstancias em que nos encontravamos na actual campanha eram muito semelhantes ás dos inglezes na primeira guerra dos Ashantees ou, talvez, ainda melhor á dos francezes no Dahomé, attendendo ao bom armamento dos cuamatuis, que os tornava tão temidos como os dahomehanos.

Esta paridade de circumstancias levou-me a adoptar, tanto para as marchas como para o combate, disposições taes que, sem despreso dos typos fundamentaes, columna dupla e quadrado, me permittiram adaptal-as ás condições especiaes d'esta campanha excepcional.

Assim o dispositivo de marcha regulamentar era este:

a) Forças de exploração compostas de dragões a cavallo e auxiliares envolvendo toda a columna.

b) Corpo da columna fraccionado em quatro escalões de igual força e composição, afim de apresentarem a mesma solidez.

1.° escalão, na frente; 2.°, o da direita; 3.°, o da esquerda; o 4.°, o da retaguarda.

c) Escolta primitiva do comboio.

A marcha através do matto cerrado effectuava-se por tres caminhos abertos pelo pelotão de sapadores, que para esse effeito se fraccionava em tres esquadras.

Pelo caminho do centro, largo de 8 metros, seguiam o 1.° escalão em columna dupla, artilharia, quartel general, trem de combate e comboio; emfim todas as viaturas.

Preparadas assim as tropas de fórma a evitar para ellas surpresas e indecisões, passo agora a descrever a fórma como corresponderam ao que sempre d'ellas esperei.

A marcha de 26 fez-se sem maiores accidentes; apenas uma demora devida á necessidade de alijar a carga de alguns carros alemtejanos que transportavam munições.

As parelhas de mulas argentinas não podiam com a carga.

A difficuldade na derruba de matto tambem atrasou a marcha.

A's 12 horas da manhã acampavamos na chana Tchaaffenda sem ter apparecido o inimigo.

A' noite, seriam 8 horas, um enorme sussurro se fazia ouvir para os lados do saliente direito da frente do quadrado.

Era como que o grito de guerra dos cuamatuis.

Vieram avisar-nos de que no dia seguinte ajustariam as contas.

Respondemos-lhes que d'ahi a alguns dias nos encontrariamos na embala.

A caminho da victoria

Na manhã de 27 punhamo-nos em marcha. O nosso objectivo era ir ficar ás cacimbas de Ancongo.

Primeiro atravessámos a chana Tchaafenda; em seguida a Liahombe sem novidade. Na frente, a boa distancia, a cavallaria e auxiliares em exploração.

Pelas 9 horas (a. m.) quando a columna se adiantava já bastante na chana Liahombe, as patrulhas de communicação deram aviso de que os exploradores avistavam gentio.

De facto, os auxiliares e cavalleiros em grupos perfeitamente distinctos tinham feito alto ao longe na estreita faixa de matto que separava a chana onde caminhavamos da chana a seguir denominada de Mufillo.

Parecia que observavam attentamente quaesquer movimentos do adversario. A columna, avançando sempre, aproximava-se do local.

Pouco depois, novas informações diziam que numerosos pretos convergiam para as mattas que nos ficavam á esquerda.

(Continúa).

ALVES ROÇADAS.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez

DE

OUIDA

(Continuado do n.° 1061)

V

Sem visitar a basilica, voltaram para Veneza no crepusculo que se ia condensando em noite, quando se approximavam da cidade. Ia alta a lua, e estava o ar sereno. Jantaram nas salas espaçosas reservadas no hotel para o principe Andreis. No fim do jantar este ergueu-se e disse:

— Quer vir?

— Aonde? — perguntou Damer.

— A' Ca'Zaranegra — disse Andreis, com um sorriso infantil.

— Eu não — respondeu Damer.

— Então, *a rivederci* — disse Andreis.

Demorou-se, porém, um momento.

— Não vos convirá — disse elle — que fiquem para mim as honras de ter descoberto este collar.

— Sejam ellas quaes forem, cedo-as, ouvis?... de boa vontade.

— Já se vê que lhe direi a ella que fostes vós.

— Não ha necessidade nenhuma d'isso; não cortejo damas. Ella ha de preferir um principe siciliano a um simples homem de sciencia. Todavia, deveis estar primeiramente com ella. A verdadeira dona jaz, sem duvida, sob uma taboa coberta de musgo na capella de alguma crypta.

— Para que falar da morte? Odeio a.

— Odiae-a quanto quizerdes que ella se apoderará de vós. Odiava-a Alexandre, mas apezar d'isso — quando nós descobrirmos o segredo da vida, talvez encontremos o antidoto da morte. Comtudo, esse tempo ainda está por vir.

E, falando, olhava para o seu companheiro, e pensava o que os labios não diziam.

«Sim; forte como sois, e moço como sois, e feliz como sois, tambem haveis de morrer como morre o pobre, o aleijado e o mendigo!»

Esta reflexão consolou-o; porque tinha inveja da mocidade, da formosura e da fortuna, e com todo o seu desdem de intelligencia superior desprezava o temperamento infantil, feliz e amoroso, e o espirito inculto, que anda associado a elles.

«Se eu tivesse a riqueza d'elle! — pensava muitas vezes. — Ou se elle possuisse o meu saber!»

— Quando tivermos penetrado o segredo da vida, poderemos talvez desafiar a morte — repetiu Andreis. — De que serviria isso? Teriamos o mundo tão cheio que não haveria sequer uma sala de espera; e que farieis vós d'essas multidões a choquarem-se umas nas outras?

— Nunca vos conheci tão logico — disse o mais velho ironicamente. — Mas não tenhaes receio. Estamos ainda muito longe de semelhante descobrimento; quando elle se fizer, ha de ficar nas mãos dos sabios. A immortalidade dos tolos nunca será attendida pela sciencia.

— Os sabios não deixarão de vender o segredo aos tolos ricos — pensou o seu companheiro, mas

absteve-se de o dizer. Era dotado de animo generoso, e sabia que o seu companheiro era a um tempo douto e pobre.

Poucos segundos depois, o marulhar da agua do canal por baixo do balcão informou o medico de que a gondola partia.

— Que creança! — pensou Damer com impaciente desprezo. Deu mais luz ao seu candieiro de leitura, abriu um numero do *Journal de Physiologie*, e principiou a ler, sem fazer nenhum reparo na formosura dos marmores fronteiros do Salvatore, em que o luar batia de chapa, nem escutar a canção da *Mignon*, que um rapaz dotado de voz melodiosa cantava n'um barco em baixo. E assim, a sós, esteve a ler durante tres horas; por de traz de elle a grande sala com tapeçarias e dourados; a bella egreja em frente do balcão, risos, musica, o bater compassado dos remos na agua, o trémulo dos alaúdes e das guitarras, todo o movimento nocturno do canal, quando a turba ia e vinha da Piazza, sem o perturbar nos seus estudos, dos quaes, uma vez por outra, tomava uma nota a lapis na carteira de apontamentos.

Era meia noute quando na sala vasia, brilhantemente illuminada, entrou Andreis, que veiu por ella adeante até onde Damer estava sentado no balcão.

— Encontrei-a — disse com jubiloso triumpho. — Dava-lhe o luar nos olhos negros e brilhantes, na bôca risonha, na alta estatura cheia de graça e de força, como a figura do grego Hermes no Vaticano.

Damer arrumou os seus papeis com impaciencia.

— E ella recebeu-vos bem, naturalmente? E' meia noite, e pareceis victorioso.

Andreis fez um gesto de protesto opprimido.

— Peço-vos que não suspeiteis essas cousas. Enviei para dentro o meu bilhete de visita, e pedi ao seu mordomo que dissesse ter eu achado o collar. Mandou-me ella então subir para me agradecer. Já se vê que lhe era conhecido o meu nome. Tinha em sua companhia uma aia: tudo com muita correcção e gravidade. Ficou encantada de eu ter achado o seu collar. Era uma joia de familia, que lhe deu Zaranegra, morto em duello, ha dois annos, como vos disse. E' muito linda, e parece ter vinte annos, ainda menos. Portei-me honradamente; disse-lhe que um inglez, que andava viajando commigo, tinha tido a honra de achar as opalas; e ella deseja vêr-vos amanhã. Prometti levar-vos lá *in prima sera;* de certo que deveis estar agradecido.

Damer encolheu os hombros, e olhou com pena para os seus papeis e lapis.

— As mulheres só servem para nos incommodar — disse elle, grosseiramente.

— E' esse incommodo que perfuma a nossa existencia, e sobre ella esparge folhas de rosa. Mas agora me lembro que a mulher para vos attrahir deve jazer, morta ou viva, n'uma mesa de operações.

— De preferencia viva — disse Damer. — De pouco nos servem os mortos: o seu systema nervoso está quêdo como um relogio parado.

— Uma creatura para vos interessar deve padecer?

— De certo.

Andreis estremeceu ligeiramente.

— Porque me salvastes a vida?

Damer sorriu se.

— Meu querido principe, o meu dever é salvar, quando posso. Teria preferido deixar-vos entregue a vós, e estudar as vossas forças naturaes de resistencia em conflicto com a destruição que as ameaçava. Mas não pude seguir as minhas predilecções. Fui chamado para auxiliar as vossas forças naturaes, dando-lhes resistencia artificial; e era obrigado a fazel-o.

Andreis fez uma careta, que significava desengano e aborrecimento.

— Se minha mãe soubesse que considereis as cousas d'esse modo, não vos adoraria, meu amigo, como vos adora.

— A princeza exaggera — disse Damer, apagando o candieiro. Assim fazem sempre as mães; creio não ter dito jámais cousa nenhuma para a illudir com respeito a mim. Ella sabe quaes são os meus interesses e os meus propositos.

— Porém, — disse Andreis, vivamente — ha de certo muitos homens de sciencia, muitos cirurgiões, cujo desejo é consolar, dar allivio, e que se interessam pela misera materia humana na qual operam?

— Alguns ha; — respondeu Damer — mas esses taes não estão na vanguarda da sua profissão, nem jámais a sciencia lhes deverá muito

Andreis emmudeceu e sentiu na sua natureza moral o que algumas vezes tinha sentido na physica, quando algum vento gelido se alevantara e tinha atravessado o luminoso esplendor de um dia balsamico. Saccudiu essa impressão com a mutabilidade de um genio feliz.

Eh via! — exclamou. — Fazeis-me ter frio na medulla dos ossos. Boa noite. Estou fatigado e vou sonhar com a dama das opalas. Como vós, prefiro as mulheres vivas ás mortas, mas não desejo que ellas padeçam. Quero que gosem — por amor de mim e de ellas!

Damer, estando só, tornou a accender a luz, pegou nos papeis e nos livros, e foi para o seu quarto, porque a noite estava fresca, e ficou a escrever até o romper do dia.

(Continúa.) ALBERTO TELLES.

A arvore cortada

POR

Paulino de Oliveira

Em um elegante folheto de dezeseis paginas nitidamente typographadas nas officinas do *Annuario Commercial*, publicou o distincto poeta setubalense, o sr. Paulino de Oliveira, uma série de quadras a que poz o titulo que epigrapha estas ligeiras palavras de merecida referencia; são estas quadras mais comprehensiveis do que a producção do sr. Antonio Correia de Oliveira, intitulada *O pinheiro exilado*.

PAULINO DE OLIVEIRA

A bonita producção do sr. Paulino de Oliveira, é simples, ligeira e humana, de indole differente da do sr. Correia de Oliveira; mas não obstante essa circumstancia o trabalho do inspirado poeta da *Arvore cortada* é — comparativamente superior.

Nós vêmos e sentimos aquelle episodio da producção poetica — *Arvore cortada* — narrado em quadras singelas.

Não somos criticos — que a Providencia sempre nos desvie d'esse caminho tão espinhoso — nem temos pretenção a tal.

Analisamos apenas, e — com a sinceridade que nos caracterisa — apresentamos o resultado da nossa rapida e despretenciosa analise a quem tenha a pachorra e o mau gosto de nos lêr; essa analise, porém, é sempre desapaixonada.

A' sr.ª D. Anna de Castro Osorio — a sublime educadora, democrata convicta e finissima escriptora, pedimos nos perdôe havermos transplantado para esta revista um artigo tão fraco ácerca do merecimento da producção de seu estremecido esposo, mas temos a louca presumpção de que a crerá sincera.

E a essa amavel e sympatica senhora dirigimos estas palavras porque — em nome do sr. Paulino de Oliveira — ora em Terras de Santa Cruz — a ella se deve a gentilissima offerta da *Arvore cortada* com que distinguiu não só esta revista, mas ainda quem firma estas linhas de sincero parecer e cujo estilo é manifestamente pobre.

IX-IV-CMVIII. HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

O Monumento ao Dr. Barahona inaugurado em Evora

Em o n.º 1024 do OCCIDENTE de 1907 publicámos o projéto do monumento ao dr. Francisco Barahona, elaborado pelo esculptor sr. Simões de Almeida Sobrinho e arquitéto sr. Alfredo Costa Campos, que uma comissão de eborenses presidida pelo sr. dr. Campos Ennes resolvera levantar aquelle benemerito cidadão, que tantos beneficios dispensou á cidade de Evora.

Hoje vimos dar noticia da inauguração desse monumento erguido no jardim de Diana, a qual teve logar no dia 7 do corrente.

Foi um dia festivo para a capital do Alemtejo, tanto pela satisfação popular como pela solemnidade que revestiu o acto.

Presidio á ceremonia sua Ex.ª Rev.ma Arcebispo de Evora, ex.mos governador civil e capitão Peixoto, como representante do sr. conselheiro general da divisão Gorjão, membros da camara municipal, comissão do monumento e tudo que ha de mais distinto na sociedade eborense, acudindo tambem em grande massa o elemento popular.

Uma banda regimental, outra dos Amadores de Musica e a da Real Casa Pia de Evora, deram á ceremonia o caracter festivo com as peças de musica que executaram.

O sr. dr. Campos Ennes, presidente da comissão, fez o elogio do benemerito dr. Barahona, enumerando os grandes beneficios que a cidade de Evora lhe devia. Findo o elogio, sua Ex.ª Rev.ma o Arcebispo descerrou o monumento da bandeira nacional que o cobria, e discursou com a conhecida eloquencia da sua palavra, sobre a ceremonia a que preside, enaltecendo tambem os beneficios que a cidade de Evora devia áquelle a quem por justa gratidão era erguido o monumento, elogiando os autores pela béla obra de arte que tinham feito.

Falou depois o sr. governador civil e participou que Sua Magestade El Rei D. Manuel querendo associar se áquella homenagem, o encarregara de dar conhecimento aos srs. Simões de Almeida e Alfredo da Costa Campos de os haver agraciado com o grau do oficialato da ordem de Santiago.

Esta communicação foi recebida com grandes aplausos do auditorio dirigidos aos autores do monumento.

Discursaram ainda os srs. dr. Joaquim Pedro Martins, lente da Universidade, dr. Bugalho Pinto e por fim o sr. Augusto Salgado, secretario da camara que, fazendo tambem o elogio do dr. Barahona, agradece, em nome do municipio, á comissão a entrega que esta faz do monumento á cidade.

Com a leitura e assignatura do respétivo auto terminou a ceremonia.

Carta ao Povo, por Mariano Gracias — Typ. da Minerva Indiana — Nova Goa — 1908.

Folheto de 27 paginas de leitura, illustrada pela presença d'um retrato de Julio de Vilhena, o texto do auctor é uma homenagem d'este ao actual chefe do partido regenerador.

Recommenda-se o alludido texto pela elevação do estylo em especial nos pontos em que Mariano Gracias se refere á patria portugueza propriamente dita.

As Communidades de Goa. — *Registo Bibliographico*, por J. A. Ismael Gracias — Bastorá — Typ. Rangel — 1907.

Folheto de 39 paginas de texto e 3 de prologo. O erudito autor de facto logra o seu proposito com escrupulo modelar.

O Aracheologo Português. — Vol. XII — Setembro a Dezembro, 1907, N.os 9 a 12 — Lisboa — Imprensa Nacional.

Prosegue na sua tarefa gloriosa de aturadas investigações do passado e de proficuas aclarações no presente.

Os mencionados numeros constituem um unico volume de mais de 100 paginas acompanhadas de 51 estampas elucidativas dos artigos que compõem o texto respectivo.

Eis o summario d'este:

«O Castro de Sacoias.

Moeda inedita de dois Cruzados de 1646.

Estela Sepulcral Arcaica do Alto-Minho.

O Couto e Mosteiro de Vairão.

Medalha Commemorativa do Casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e do da Infanta portugueza D. Marianna Victoria com D. Gabriel de Hespanha.

Antigualhas Transmontanas.

O Castello de Braga em 1642.

A Sorte dos questionarios archeologicos.
O Vintem de Philppus I, Rei de Portugal.
Estações prehistoricas dos arredores de Setubal.
Exploitation sonterraine du silex à Campolide, aux temps néolithiques.
Acquisições do Museu Ethnologico Português.
Protecção dada pelos governos, Corporações officiaes e Institutos Scientificos á Archeologia.
Noticia archeologica.
Catalogo dos pergaminhos existentes no archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães.
Necrologia.
Sepultura romana.
Onomastico medieval portuguez.
Bibliographia.
Registo bibliographico das permutas.»

O *Archeologo Português* póde considerar-se benemerito da historia patria, que muito lhe deve já.

A Descoberta do Brazil, 2.ª *edição*, por Faustino da Fonseca. — 1908. — Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor. — Lisboa.

O conhecido escriptor Fonseca n'esta obra de bom conceito e de larga erudição tivera em vista ao publical a primitivamente, commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil pelo navegador português Pedro Alvares Cabral; e em presença da excellente acceitação que recebeu por parte do publico, aceitação tradusida não só pela procura e venda de exemplares, mas tambem por louvores e referencias já na imprensa, já nas alusões de oradores, em presença de similhante facto deveras agradavel e significativo resolveu dal-o á estampa de novo, mantendo-lhe todavia a redacção original.

Com effeito Faustino da Fonseca nada tinha a alterar em trabalho altamente patriotico e profundamente comprovativo do nosso papel de prioridade no acontecimento que rendeu o osculo virginal da Terra de Santa Cruz á bandeira gloriosa das nossas naus.

A segunda edição reprodusindo a primeira, perdura e consolida no momento da celebração d'um outro centenario de egual valor e de brilho identico para o paiz irmão, a mesma aura conquistada no bélo empenho do autor em ser util e prestante á sua patria no culto puro da verdade historica.

O MONUMENTO AO DR. BARAHONA
INAUGURADO EM EVORA, NO DIA 7 DO CORRENTE
(De fotografia)

Pela Republica 1906-1908. — Typographia França Amado. — Coimbra. — N'este volume, de 342 paginas, encontram-se reunidas quasi todas as producções de propaganda democratica do illustre dr. Bernardino Machado, no periodo comprehendido entre os annos de 1906 e o corrente de 1908.

Tambem se acham insertas em resumo varias conversações do notavel chefe republicano com jornalistas e estrangeiros ácerca dos negocios politicos de Portugal.

A Campanha do Cuamato. — Loanda — Imprensa Nacional, 1908. — O alferes Velloso de Castro, um dos valentes que fez parte da gloriosa expedição do commando de Alves Roçadas, acaba de provar-se não só distincto no cumprimento nobre dos seus deveres de soldado mas tambem illustre no manejo da penna com que registou n'um bello volume de 284 paginas, a tarefa militar de que foi testemunha e em que foi executor.

Numerosas estampas enriquecem a obra e são precioso documento elucidativo do texto que deveras define com toda a clara individuação dos factos a lucta de victoria com que foram vingados os mortos de 1904, no Pembe.

O livro honra em tudo o trabalho typographico e de impressão da Imprensa Nacional de Loanda.